

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HOMENAGEM A
IRENE RAMALHO SANTOS

THE EDGE OF ONE OF MANY CIRCLES

ISABEL CALDEIRA
GRAÇA CAPINHA
JACINTA MATOS
ORGANIZAÇÃO

DO SOFÁ PARA FORA DO ARMÁRIO: LINGUÍSTICA AO LADO

Clara Keating

Nem particular nem universal, o exemplo é um objecto singular que, digamos assim, se dá a ver como tal, *mostra* a sua singularidade. . . . o lugar próprio do exemplo é sempre ao lado de si próprio, no espaço vazio em que se desenrola a sua vida inqualificável e inesquecível. O ser exemplar é o ser puramente linguístico. Exemplar é aquilo que não é definido por nenhuma propriedade, excepto o ser-dito. Não é o ser-vermelho, mas o ser-*dito*-vermelho; não é o ser Jakob, mas o ser-*dito*-Jakob que define o exemplo. Daí a sua ambiguidade, a partir do momento em que decidimos levá-lo verdadeiramente a sério. O ser-dito – a propriedade que funda todas as possíveis pertenças (o ser-dito italiano, cão, comunista) – é, de facto, também o que pode pô-las radicalmente em questão. . .

Giorgio Agamben

Dizer a Maria Irene Ramalho a partir de uma linguística que vive ao seu lado é um desafio que revela uma enorme tensão, uma dose funda de liberdade só permitida pelo exemplo de excelência sagaz da sua pessoa e vida académica. É essa tensão também que me move teimosamente a enunciar aqui este lugar difícil de analista treinada quase *contra natura* nas ciências da língua e da linguagem. Este lugar ajuda-me a reconhecer espaços de desassossego epistémico e metodológico – e logo de aprendizagem – que o pensamento feminista crítico, histórico-político, poético, cria no campo dos estudos linguísticos *latu sensu*. Reclamar este lugar de ser-*dita*-linguista permite-me, então, imaginar os espaços de possibilidades de uma linguística ainda em processo de se dizer. Volto a isto no final.

Faço jus, assim o espero, ao papel que a Maria Irene indiretamente teve e tem nesta utopia em ação no espaço dos Estudos Anglo-Americanos em Coimbra, a de *dizer linguística*, campo que, aliás, sempre lhe esteve alheio. Ao seu lado, a linguística em versão anglo-americana teve e tem uma vida simultaneamente fácil e difícil. Fácil, pela aposta pessoal e institucional que ela fez na formação e no desenvolvimento desta área, na convivência colegial e na socialização em modos solidários de um fazer académico enraizado na invenção da interdisciplina, sustentada em práticas democráticas de base, o diálogo, a argumentação, a produção e a partilha de conhecimentos disciplinares de inegável e essencial exigência. Difícil, pela postura sempre crítica quanto à relevância que o campo dos estudos linguísticos – ou as versões que desse campo nos chegaram, sustentadas em princípios gerais de conhecimento linguístico-verbal intuídos por falantes nativos em contextos de comunicação ideal ou ideal aquisição – de facto poderiam ter na compreensão do fazer poético, político e discursivo da linguagem.

A radical posição de que o poético *interrompe* o real vai bem mais para além da afirmação de que a poesia é o lugar privilegiado

para interrogar e transgredir saberes instituídos. O *fazer poético*, é, como ela nos ensina, o lugar de transgredir linguagem, ao contrário do *fazer linguística*, enredado, por definição, no culto do dualismo – um-dois ou um-dois-três – e do “sistema arborescente da hierarquia e do comando” (Deleuze e Parnet). Assim definida, a linguística só pode falhar no exercício de traçar uma linha vocal ou escrita que fará correr a linguagem entre esses dualismos.

Como então, reclamar um lugar resistente, que possa ser-*dito*-linguístico, sem que este se afirme como culto de prisão, até mesmo quando este lugar assume a denúncia e a crítica das condições de opressão, tal como fazem as linguísticas críticas sustentadas em regimes de pensamento ocidental? Este é o imenso desafio teórico de um devir-linguística, sempre ao lado de si mesma. Concebendo que os princípios da criatividade da linguagem se encontram no traçar dessa linha vocal por entre dualismos, há que seguir essa linha vocal como ato pleno de resistência, cidadania, transformação e logo de liberdade.

Dizer e fazer linguística é, assim, um modular ato de pragmática e inscrição, de *desenho* e de *desígnio*, bem mais do que de gramática. Situado em prática radicalmente local, histórica e politicamente situada, o ato de desenhar língua surge e assume-se, então, na mobilidade para além da estabilidade, segue o movimento que leva ao momento, sempre negociado entre ação, interação e em projeção permeadas por poder. Sustentada nesta ontologia, a linguística ao lado diz-se ativista da dinâmica conversacional, da pragmática do não-dito feito em semióticas sociais multimodais, cujas dinâmicas micropolíticas de criatividade e constrangimento enunciam contextos e condições sociolinguísticas e socioculturais, histórico-discursivas e ideológicas de imensa complexidade. Intrinsecamente *etnopoético* – logo político, performativo, potencialmente subversivo, e sempre cidadão – o momento da *interrupção* e *transgressão* só pode assim surgir nas dinâmicas quotidianas da linguagem, do poético e real em

refração, reciclagem e socialização – ou seja, em aprendizagem. Daí que esse conhecimento *dito*-linguístico só possa ser visto à luz do fragmento que se apropria em recurso conforme afetos e desejos, a curta e longa duração da memória e da atenção, a intenção intuída e a imaginação do que vem. Sobre esse repertório, essa experiência encarnada e vivida, essa aquisição de língua construída no uso, só quem lhe respiga os sentidos pode de facto falar.

Sempre ao lado, falhando o alvo da poética e da linguística, estas intuições foram o que melhor iluminou os lugares sujos, desarrumados e informais das vidas quotidianas de falantes migrantes que sigo e segui em etnográfica observação, cozinhada de modo longitudinal a fogo lento. Elas tornaram-se portais fundamentais no desbloqueio da escuta material da atividade humana de língua que se faz em prática transidiomática. Desassossegada com os detalhes dos fazeres e fazedoras de sentidos, tenho como ordem de trabalhos seguir as pegadas da inscrição material (poliglóssica e multiletrada), traçando, nesse processo, os trilhos e as pistas que apontam para as dinâmicas distribuídas da hierarquia e diferença da vida de falantes e contextos concretos.

Quanto à língua, só pondo representações de lado lhe consigo libertar a fala. Calo-me e, em silêncio, imagino possibilidades de se ser dita linguística mas acho veleidade inútil. Com exemplos como este, mais vale agir na fala e fazer o que está ao alcance destas falhadas e imperfeitas capelas. Ativista do erro no meu próprio quarto ao lado, Sérgio Godinho nos ouvidos, ergo-me do sofá da linguística arborescente e vou para a rua, saindo porta fora do armário.

E veio-me à memória uma frase batida:

Hoje é o primeiro dia do resto da tua vida

Obrigada Maria Irene. Agora e aqui de onde me vejo, a liberdade afinal existe, até mesmo para a linguística que vem.

Obras citadas

Agamben, Giorgio. *Exemplo. A Comunidade que Vem*. Trad. António Guerreiro. Lisboa: Editorial Presença, 1993. 15-17.

Deleuze, Gilles e Parnet, Clare. *Diálogos*. Trad. José Gabriel Cunha. Lisboa: Relógio de Água, 2004. 46-47.

Ramalho Santos, Irene. "Difference and hierarchy revisited by feminism". *Revista Anglo Saxonica*, ser. III, n. 6, 2013. 21-46.